

Rick Riordan

PERCY JACKSON  
E A BATALHA DO LABIRINTO



Livro 4

Tradução

Dina Antunes

|||||  
casadasletras

Para Becky, que sempre me guiou pelo labirinto.

## ÍNDICE



1. Luto Contra Um Esquadrão de Líderes de Claque / 11
2. O Mundo dos Mortos Prega-me Uma Partida / 28
3. Jogamos à Apanhada com Escorpiões / 54
4. Annabeth Quebra as Regras / 74
5. Nico Compra *Happy Meals* para os Mortos / 93
6. Conhecemos o Deus com Duas Caras / 106
7. Tyson Lidera a Fuga da Prisão / 120
8. Visitamos Um Rancho Muito Original / 134
9. Apanho Caca de Cavalo / 161
10. Jogamos aos Enigmas / 175
11. Tomo Banho de Lava / 198
12. Tiro Férias Definitivas / 218
13. Contratamos Um Novo Guia / 236
14. O Meu Irmão Luta Comigo até à Morte / 260
15. Roubamos Umhas Asas Um Pouco Usadas / 278
16. Abro Um Caixão / 298

17. O Deus Perdido Fala / 315
18. Grover Provoca Uma Debandada / 327
19. O Conselho Fica Dividido / 346
20. A Minha Festa de Aniversário Corre Mal / 357

## Capítulo I



### LUTO CONTRA UM ESQUADRÃO DE LÍDERES DE CLAQUE

A última coisa que eu queria fazer nas minhas férias de verão era explodir outra escola. Mas ali estava eu, segunda-feira de manhã, na primeira semana de junho, sentado no carro da minha mãe, em frente à Escola Secundária Goode, na Rua East 81.

A Goode ocupava um grande edifício de pedra castanho com vista para o East River. Havia uma série de *BMW* e outros carros de luxo estacionados à porta. Contemplando a extravagante arcada de pedra, questionei-me quanto tempo demoraria a ser expulso dali.

– Tem calma. – A minha mãe não parecia nada calma.  
– É apenas a apresentação. E lembra-te, querido, esta é a escola do Paul. Por isso, tenta não... não... Tu sabes.

– Destruir nada?

– Sim.

Paul Blofis, o namorado da minha mãe, estava à porta, saudando os futuros alunos do nono ano à medida que estes iam subindo a escada. Com o seu cabelo grisalho, calças de ganga e blusão de cabedal, lembrava-me sempre um ator de televisão, mas era apenas um professor de Inglês. Conseguira convencer a Escola Secundária Goode a aceitar-me no nono

ano, apesar de eu ter sido expulso de todas as escolas que alguma vez frequentei. Tentei avisá-lo de que não seria boa ideia, mas ele não quis ouvir.

Olhei para a minha mãe.

– Não lhe disseste a verdade sobre mim, pois não?

Ela bateu com os dedos nervosamente no volante. Estava vestida para uma entrevista de emprego – o seu melhor vestido azul e sapatos de salto alto.

– Achei que era melhor esperarmos – admitiu ela.

– Para não o assustarmos.

– De certeza que a aula de apresentação vai correr bem, Percy. É apenas uma manhã.

– Ótimo – murmurei. – Posso ser expulso antes de começar o ano letivo.

– Pensa positivo. Amanhã vais para a colónia! Depois da apresentação, tens o teu encontro...

– Não é um encontro! – protestei. – É só a Annabeth, mãe. Caramba!

– Ela vem da colónia para ter ver.

– Bem, sim.

– Vocês vão ao cinema.

– Sim.

– Só os dois.

– Mãe!

Ela levantou os braços em rendição, mas eu percebi que estava a conter o riso.

– É melhor ires entrando, querido. Vejo-te logo à noite.

Preparava-me para sair do carro quando olhei para os degraus da escola. Paul Blofis estava a cumprimentar uma rapariga de cabelo ruivo encaracolado. Vestia uma *T-shirt* castanho-avermelhada e calças de ganga rasgadas e decoradas com desenhos feitos a marcador. Quando ela se virou,

vi-lhe o rosto de relance, e os pelos dos meus braços ficaram de pé.

– Percy? – chamou a minha mãe. – O que se passa?

– Nada – gaguejei. – A escola tem uma entrada lateral?

– Lá ao fundo, à direita. Porquê?

– Vejo-te mais tarde.

A minha mãe começou a dizer qualquer coisa, mas eu saí do carro e corri, esperando que a rapariga de cabelo ruivo não me visse.

O que estava *ela* a fazer ali? Nem mesmo a *minha* sorte podia ser assim tão má.

Pois, é isso mesmo. Estava prestes a descobrir que a minha sorte podia ainda piorar mais.

Entrar às escondidas na escola não resultou lá muito bem. Duas líderes de claque vestidas com uniformes roxos e brancos estavam junto à entrada lateral, à espera para emboscar caloiros.

– Olá! – Elas sorriram-me e eu percebi que aquela seria a primeira e a última vez que uma líder de claque iria ser simpática para mim.

Uma era loira com olhos azuis glaciais. A outra era uma afro-americana com o cabelo negro e encaracolado, como o da Medusa (e acreditem, eu sei do que estou a falar). Ambas as raparigas exibiam os nomes bordados nos uniformes, mas, com a minha dislexia, as palavras pareciam paus de esparguete sem sentido.

– Bem-vindo à Goode – saudou a rapariga loira. – Vais gostar *tanto* de cá andar.

Mas, enquanto me olhava de alto a baixo, a sua expressão dizia mais: «*Blhéc*, quem é este palhaço?»

A outra rapariga chegou-se muito perto de mim, causando-me algum desconforto. Observei o bordado no seu uniforme e percebi «Kelli». Cheirava a rosas e a mais qualquer coisa que reconheci das aulas de equitação na colónia – o aroma a cavalos acabados de lavar. Era um cheiro pouco vulgar para uma líder de claque. Talvez tivesse um cavalo, ou assim. Bem, de qualquer forma, ela ficou tão perto de mim que tive a sensação de que ia tentar empurrar-me pelas escadas.

– Como te chamas, *loiro*?

– Loiro?

– Caloiro.

– Ah... Percy.

As raparigas entreolharam-se.

– Oh, Percy Jackson – disse a rapariga loira. – Estávamos à tua espera.

Isso lançou um enorme arrepio pela minha espinha. Elas encontravam-se a bloquear a entrada, sorrindo de uma forma muito pouco amigável. A minha mão deslizou instintivamente para o bolso, onde guardo a minha esferográfica letal, a *Maré Viva*.

Depois escutei outra voz vinda do interior do edifício.

– Percy? – Era Paul Blofis, algures ao fundo do corredor. Nunca fiquei tão contente por ouvir a sua voz.

As líderes de claque recuaram. Estava tão desejoso de passar por elas que, acidentalmente, dei uma joelhada na coxa de Kelli.

*Clang.*

A perna dela emitiu um som oco e metálico, como se tivesse atingido o mastro de uma bandeira.

– Au – murmurou ela. – Vê por onde andas, *loiro*.

Olhei para baixo, mas a perna dela parecia normal. Eu estava demasiado assustado para fazer perguntas. Corri até



ao corredor, enquanto as líderes de claque riam nas minhas costas.

– Ah, aí estás tu! – exclamou Paul. – Bem-vindo à Goode!

– Ei, Paul... Hum, senhor Blofis. – Olhei para trás, mas as estranhas líderes de claque já tinham desaparecido.

– Percy, parece que viste um fantasma.

– Sim... hum...

Paul deu-me uma palmadinha nas costas.

– Escuta, eu sei que estás nervoso, mas não te preocupes. Temos muitos miúdos aqui com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade e dislexia. Os professores sabem como ajudar.

Eu quase desatei a rir. Se ao menos o TDAH e a dislexia fossem as minhas maiores preocupações. Quero dizer, eu sabia que Paul estava a tentar ajudar, mas se lhe contasse a verdade sobre mim, ele iria pensar que eu estava louco, ou então saía a correr aos gritos. Aquelas líderes de claque, por exemplo. Tinha um mau pressentimento em relação a elas...

Depois olhei para o fundo do corredor e lembrei-me de que tinha outro problema. A rapariga ruiva que eu vira à porta estava agora a atravessar a entrada principal. «Não me vejas», rezei.

Mas ela viu-me e arregalou os olhos.

– Onde é a apresentação? – perguntei a Paul.

– No ginásio. Por ali. Mas...

– Adeus.

– Percy? – chamou ele, mas eu já ia a correr.

Pensei que a tinha perdido.

Um monte de crianças dirigia-se para o ginásio e, num instante, eu era apenas um dos trezentos miúdos de catorze

anos que se amontoavam nas bancadas. Uma banda desafinada tocava uma marcha que soava como se alguém estivesse a bater num saco de gatos com um bastão de basebol. Miúdos mais velhos, provavelmente membros da associação de estudantes, levantaram-se na frente de todos, desfilando o uniforme da escola como que a dizer: «Ei, nós somos fixes.» Os professores andavam por ali a sorrir e a cumprimentar os alunos. As paredes do ginásio estavam decoradas com faixas roxas e brancas que diziam: BEM-VINDOS, FUTUROS CALOIROS. A GOODE É FIXE, SOMOS TODOS UMA FAMÍLIA, e uma montanha de outras frases feitas que só me davam vontade de vomitar.

Nenhum dos outros caloiros parecia muito satisfeito por estar ali. Quero dizer, vir a uma apresentação em junho, quando o ano letivo só começa em setembro, não é fixe. Mas na Goode, «Preparamo-nos para sermos melhores mais cedo!» Pelo menos era o que dizia a brochura.

A banda parou de tocar. Um tipo de fato às riscas aproximou-se do microfone e começou a falar, mas o som ecoou pelo ginásio e eu não percebi nada do que ele estava a dizer. Podia até estar a gargarejar.

Houve alguém que me agarrou pelo ombro.

– O que fazes aqui?

Era ela: o meu pesadelo ruivo.

– Rachel Elizabeth Dare – declarei.

O queixo dela caiu como se não pudesse acreditar que eu ainda me lembrasse do seu nome.

– E tu és o Percy-qualquer-coisa. Não apanhei o teu nome completo, em dezembro, quando tentaste *matar-me*.

– Escuta, eu não estava... Eu não tentei... O que fazes tu *aqui*?

– Bem, talvez o mesmo que tu. Apresentação.

– Moras em Nova Iorque?

– O quê, pensavas que eu vivia na Barragem Hoover?

Nunca antes me ocorrera. Sempre que pensava nela (e *não* estou a dizer que *pensava* nela; só me lembrava de vez em quando, *okay?*), achava que vivia algures na zona da Barragem Hoover, pois foi aí que nos conhecemos. Passámos cerca de dez minutos na companhia um do outro, tempo esse durante o qual eu, acidentalmente, brandi uma espada na frente dela, ela salvou-me a vida, e eu fugi, perseguido por um bando de máquinas assassinas sobrenaturais. Estão a ver, o típico encontro fortuito.

Um tipo atrás de nós sussurrou.

– Ei, estejam calados. As líderes de claque estão a falar!

– Olá, malta! – cacarejou uma rapariga ao microfone. Era a loira que eu vira à entrada. – O meu nome é Tammi, e esta é, tipo, a Kelli. – Kelli fez a roda.

Ao meu lado, Rachel soltou um gritinho como se alguém a tivesse picado com um alfinete. Alguns miúdos olharam para o lado e riram, mas Rachel continuava a olhar para as líderes de claque com uma expressão horrorizada. Tammi não pareceu notar a comoção. Desatou a falar sobre todas as coisas fantásticas que podíamos fazer para nos integrarmos durante o nosso primeiro ano.

– Corre – avisou-me Rachel. – Agora.

– Porquê?

Rachel não explicou. Abriu caminho até à ponta das bancadas, ignorando os professores de sobrolho franzido e os miúdos que resmungavam quando ela os pisava. Hesitei. Tammi estava a explicar que íamos separar-nos em pequenos grupos e fazer uma visita guiada pela escola. Kelli olhou para mim e mostrou-me um sorriso divertido, como se estivesse à espera para ver o que eu ia fazer. Ia parecer mal se eu saísse naquele

momento. Paul Blofis estava lá em baixo com o resto dos professores. Iria perguntar-se o que estava a acontecer.

Depois pensei em Rachel Elizabeth Dare e na capacidade especial que ela demonstrara no inverno passado, na Barragem Hoover. Ela conseguira ver um grupo de seguranças que não eram seguranças, aliás, não eram sequer humanos. Com o coração a bater acelerado, levantei-me e segui-a para fora do ginásio.

Encontrei Rachel na sala da banda. Estava escondida atrás de um tambor na secção de percussão.

– Anda para aqui! – chamou ela. – Mantém a cabeça baixa!

Senti-me um bocado idiota, escondido atrás de uns quantos bongos, mas agachei-me ao lado dela.

– Seguiram-te? – perguntou Rachel.

– As meninas da claque, queres tu dizer?

Ela anuiu nervosamente.

– Acho que não – respondi. – O que são elas? O que foi que viste?

Os seus olhos verdes brilhavam de medo. Tinha algumas sardas no rosto que me lembravam constelações. A sua *T-shirt* castanho-avermelhado dizia DEPARTAMENTO DE ARTE DE HARVARD.

– Tu... tu não ias acreditar.

– Oh, podes apostar que acredito – garanti. – Eu sei que consegues ver através da Névoa.

– Da quê?

– Da Névoa. É... bem, é uma espécie de véu que esconde a verdadeira identidade das coisas. Alguns mortais nascem com a capacidade de ver através dela. Como tu.